



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE LETRAS**

**ALLYDA RAYANNE BEZERRA DA SILVA**

**EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE DO PROFESSOR  
DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**GUARABIRA – PB**

**2019**

**ALLYDA RAYANNE BEZERRA DA SILVA**

**EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE DO PROFESSOR  
DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras, sob a orientação da professora Prof. Me. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira.

**GUARABIRA/PB**

**2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586e Silva, Allyda Rayanne Bezerra da.

Experiência e reflexões sobre a prática docente do professor de língua portuguesa [manuscrito] / Allyda Rayanne Bezerra da Silva. - 2019.

38 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.

"Orientação: Profa. Ma. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira. Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."

1. Prática Docente. 2. Educação. 3. Formação Acadêmica.

I. Título

21. ed. CDD 401.41

**ALLYDA RAYANNE BEZERRA DA SILVA**

**EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE DO PROFESSOR  
DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Departamento de Letras da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito parcial  
para obtenção do título de Licenciatura Plena  
em Letras.

Aprovado em: 27/11/2019

**BANCA EXAMINADORA**

Mônica de Fátima Guedes de Oliveira

Profa Me. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira - UEPB

(Orientadora)

Márcia Gomes dos Santos Silva

Prof<sup>a</sup> Me. Márcia Gomes dos Santos Silva- UEPB

(Examinadora)

Aline de Fátima da S. Araújo

Prof. Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo UEPB

(Examinadora)

**Guarabira/PB**

**2019**

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus, por me proporcionar perseverança durante toda a minha vida, a minha mãe Margarete Domingos da Silva e ao meu pai José Bezerra Sobrinho, por serem essenciais na minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado saúde e forças para superar todos os momentos difíceis, e por ter iluminado o meu caminho.

Agradeço a minha mãe Margarete e ao meu pai José, por sempre me incentivarem e acreditarem que eu seria capaz de superar os obstáculos que a vida me apresentou. Agradeço também pelo amor, carinho e apoio que serviram de alicerce para as minhas realizações.

Aos meus queridos irmãos Allyson e Andre Alley pela amizade e atenção dedicadas quando sempre precisei.

Também quero agradecer à Universidade Estadual da Paraíba e o seu corpo docente que demonstrou estar comprometido com a qualidade e excelência do ensino, em especial a todos os mestres que contribuíram com a minha formação acadêmica e profissional durante a minha vida.

Aos meus colegas do curso de Letras pela oportunidade do convívio, pelas trocas de ideias e ajuda mútua. Juntos conseguimos avançar e ultrapassar todos os obstáculos.

Agradeço também a minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Me. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira, pelo apoio, orientação, confiança, por sua dedicação e paciência durante o projeto. Seus conhecimentos fizeram grande diferença neste trabalho.

Meus agradecimentos as minhas queridas amigas Suellen e Niedja, companheiras de curso, irmãs na amizade que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

Um guerreiro sem espada  
sem faca, foice ou facão  
armado só de amor  
segurando um giz na mão  
o livro é seu escudo  
que lhe protege de tudo  
que possa lhe causar dor  
por isso eu tenho dito  
Tenho fé e acredito  
na força do professor.

*Braúlio Bessa*

# EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA

ALLYDA RAYANNE BEZERRA DA SILVA

## RESUMO

Fazer reflexões acerca da prática docente dentro do contexto pedagógico é essencial e necessário para criar uma atuação mais consistente no que diz respeito à atuação dos educadores. O mundo contemporâneo exige indivíduos pensantes, capacitados na escrita e leitura para desempenhar funções estabelecidas seja na formação acadêmica ou no ambiente profissional. Deste modo, entende-se que o educador é o elo entre o processo de ensino e aprendizagem e responsável por gerar nos alunos uma ambição de saberes, conhecimento e procura de informações. Assim, o presente estudo tem como objetivo realizar uma reflexão acerca da prática dos educadores, verificar o contexto da formação dos professores, as concepções de educação e escola e a prática do ensino da língua portuguesa a partir da vivência do estágio supervisionado. O referido trabalho caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica e exploratória, a qual foi realizada em uma escola da rede pública de ensino, durante o período do estágio de docência, conforme observações, anotações e aplicações de oficinas. Esse tipo de pesquisa tem o intuito e finalidade do aprimoramento de conceitos ou descoberta de percepções. Para auxiliar na elaboração deste estudo, serão utilizados livros, artigos científicos e revistas online, norteados no ponto de vista da reflexão dos seguintes pressupostos teóricos: Junckes (2013), Gomes (2008), Marluce (2013), PCN de Língua Portuguesa (1998) e (2001), Sousa (2013), entre outros. A seleção do material foi realizada de acordo com o objetivo do presente estudo, através de leituras e levantamento de dados bibliográficos. Diante disso, esta pesquisa contribui para despertar na prática docente, algumas possibilidades de valorizar atividades que complementem as aulas e desperte o interesse pela leitura e escrita dos alunos.

**Palavras-chave:** Prática Docente. Educação. Formação Acadêmica.

# EXPERIENCES AND REFLECTIONS ON THE TEACHING PRACTICE OF THE PORTUGUESE LANGUAGE TEACHER

ALLYDA RAYANNE BEZERRA DA SILVA

## ABSTRACT

Make reflections about teaching practice within the pedagogical context is essential and necessary to create a more consistent performance regarding the performance of educators. The contemporary world requires thinking individuals, skilled in writing and reading, to perform established functions either in academic education or in the professional environment. Thus, it is understood that the educator is the link between the teaching and learning process and responsible for generating in students an ambition of knowledge, knowledge and information seeking. Thus, this study aims to make a reflection on the practice of educators, verify the context of teacher education, the conceptions of education and school and the practice of teaching the Portuguese language from the experience of supervised internship. This work is characterized as a bibliographic and exploratory research, which was carried out in a public school during the period of teaching, according to observations, notes and workshop applications. This type of research has the purpose and purpose of improving concepts or discovering perceptions. To assist in the preparation of this study, books, scientific articles and online magazines will be used, guided from the point of view of the reflection of the following theoretical assumptions: Junckes (2013), Gomes (2008), Marluce (2013), Portuguese Language NCP (1998) and (2001), Sousa (2013), among others. The selection of the material was performed according to the objective of the present study, through readings and bibliographic data survey. Given this, this research contributes to awaken in teaching practice, some possibilities to value activities that complement the classes and arouse interest in reading and writing in the students.

**Keywords:** Teaching Practice. Education. Academic training.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2 DISCORRENDO SOBRE A EDUCAÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>3 A PRÁTICA DOCENTE.....</b>	<b>14</b>
<b>3.1 Reflexões sobre a Formação do professor de Língua Portuguesa.....</b>	<b>16</b>
<b>3.2 O professor de língua portuguesa e sua prática de ensino.....</b>	<b>17</b>
<b>3.3 Dificuldades no processo de ensino e aprendizagem.....</b>	<b>19</b>
<b>3.4 Metodologias para práticas de Ensino.....</b>	<b>22</b>
<b>3.5 A aprendizagem da leitura e da escrita.....</b>	<b>24</b>
<b>4 EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO.....</b>	<b>27</b>
<b>4.1 O estágio supervisionado.....</b>	<b>27</b>
<b>4.2 Sujeitos pesquisados.....</b>	<b>27</b>
<b>4.3 A observação.....</b>	<b>28</b>
<b>4.4 A intervenção pedagógica.....</b>	<b>30</b>
<b>5 ANÁLISES E RESULTADOS.....</b>	<b>31</b>
<b>    CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>34</b>
<b>    REFERÊNCIAS.....</b>	<b>35</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Atualmente, nota-se uma insegurança na comunicação, principalmente em situações formais, demonstrada pelos alunos, a dificuldade de redação e de compreensão de textos em todos os níveis escolares constituem indicações da importância do ensino de língua portuguesa, cujo questionamento vem ocupando uma posição central no contexto educacional.

Portanto, refletir sobre a prática docente na área da educação é fundamental e necessário para desenvolver uma atuação mais consistente da docência, de modo que o professor desempenha sua função com sucesso, do ponto de vista que, ser um educador representa ser parte de um processo que demanda competência, técnica e compromisso ético político no que diz respeito a análise, seleção, interpretação e avaliação de conteúdo (BATISTA, 2016).

A sociedade, de modo geral, anseia em receber jovens capacitados na leitura e escrita, com noções de matemática para desempenhar bem as funções exigidas pelo emprego ou estágio exigido pela universidade cursada. Esses ensinamentos e experiências são de responsabilidade do educador. É papel do docente proporcionar um ambiente saudável, propício de aprendizado para que os alunos possam desfrutar do melhor ensino possível. Para que isso aconteça é fundamental que o educador esteja sempre apto para desenvolver suas funções com êxito (CALLIARI, 2004).

Assim, entende-se que o educador é o elo entre o processo de ensino e aprendizagem, este profissional reflete de modo crítico sobre a prática cotidiana com objetivo de compreender as características físicas deste processo, assim como compreender sobre o contexto em que o ensino tem lugar, para que enfim, facilite-se o desenvolvimento autônomo e emancipador dos alunos no processo educativo. A partir dessa reflexão, surge um ambiente pedagógico em que se compreenda a atuação da docência frente a sua complexa prática (BOLFER, 2008).

Mediante esses aspectos, o presente estudo tem como objetivo realizar uma reflexão acerca da prática dos educadores, verificar o contexto da formação dos professores, as concepções de educação e a prática do ensino da língua portuguesa, a partir da experiência vivenciada durante o estágio supervisionado.

Pensando assim, procurou-se desenvolver as aulas de língua portuguesa durante os estágios numa perspectiva que visasse proporcionar ao aluno a possibilidade de sua participação nas atividades em sala de aula, em que ele fosse

capaz de questionar, analisar e argumentar, além de lhe conceder a oportunidade da contextualização dos conteúdos de língua portuguesa com as suas experiências cotidianas.

O referido trabalho caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica e exploratória, a qual foi realizada em uma escola da rede pública de ensino, durante o período dos estágios, conforme observações, anotações e aplicações de oficinas. De acordo com Cellard (2008) a pesquisa bibliográfica tem como objetivo assegurar e propiciar maior familiaridade com o problema, a fim de transformar de modo visível ou de elaborar hipóteses. Esse tipo de pesquisa tem o intuito e finalidade do aprimoramento de conceitos ou descoberta de percepções. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite as considerações dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

O desenvolvimento deste trabalho foi elaborado por meio de levantamento de dados bibliográficos consultados em livros, artigos científicos e revistas online, de forma descritiva levando em consideração seus referenciais teóricos e resultados obtidos, correspondentes ao tema e o objetivo proposto neste estudo. Logo, o mesmo norteou-se no ponto de vista da reflexão dos seguintes pressupostos teóricos: Junckes (2013), Gomes (2008), Marluce (2013), PCN de Língua Portuguesa (1998) e (2001), Sousa (2013), entre outros. Tais autores foram extremamente fundamentais para auxiliar no processo de elaboração e análise das aulas realizadas no período do estágio supervisionado, bem como, a produção do referido estudo.

Este trabalho está organizado em seções que dispõe sobre o seu desenvolvimento. A primeira parte inicia-se com a teoria detalhando sobre a prática docente. Em seguida, são detalhadas as experiências vivenciadas durante os estágios em sala de aula. Por conseguinte, há a descrição dos procedimentos metodológicos atribuídos à pesquisa, seguido da análise dos resultados. E por fim, as considerações finais que finalizam a estrutura deste trabalho, seguida das referências.

Diante desses aspectos, fica evidente que o interesse por estudos relacionados à formação e prática docente é cada vez maior, seja em livros, periódicos, dissertações, teses, artigos, dentre outros. A sociedade está em busca de consolidar o ensino e a área da educação no Brasil, a fim de aperfeiçoar o ensino e aprendizagem dos alunos de todos os níveis escolares.

## 2 DISCORRENDO SOBRE A EDUCAÇÃO

De acordo com Marluce (2013), desde que a humanidade tomou consciência do poder intelectual que desenvolve, esta vem criando meios e técnicas que facilitem e aprimorem seus conhecimentos, na busca de conhecer-se e conhecer o mundo se expande à sua volta, buscando na escrita, na codificação e decodificação, registrar sua história, adaptando-se aos vários fatores que, paulatinamente, iam se inserindo a esta história modificando-a de forma quase que irreversível.

Marluce (2013) pontua ainda que o que antes era obscuro, descontextualizado, paradoxo, ganha novas perspectivas mediante o domínio da natureza, dos símbolos, da fala, da escrita/leitura. O homem passa a imperar a partir do domínio de todos esses signos naturais, linguísticos, históricos, que passam a se entrelaçar à cultura, à sociedade e à vida da humanidade. Ler e escrever tornou-se algo tão importante que ele não mais se via alheio aos acontecimentos, uma vez que registrar fatos do dia-a-dia era, agora, imprescindível para perpetuar a sua espécie.

A partir de então, a educação, que antes era destinada para poucos, para os nobres, ganha novos paradigmas, ampliando-se cada vez mais, com o intuito de edificar para sempre a inteligência humana. O ato de ler ganha novos significados, enraizando definitivamente, quer seja através de papiros, panfletos, livros, revistas, jornais, entre outros. O mundo letrado avança e passa a representar grandes progressos para o homem, permitindo a absorção de novos conhecimentos, tomada de consciência de seus valores, direitos e deveres, permitindo a sua inserção no mundo ainda mais dinâmico e globalizado (MARLUCE, 2013).

Neste ponto, percebe-se que a ação da família é fundamental propondo-se situação em que a criança participe de atos de leitura e escrita, enquanto interlocutor. Contudo, a família de hoje não mais se reveste de valores éticos, morais, sociais e educacionais como outrora, fazendo com que seus filhos adquiram novos hábitos que os distanciam da educação difundida pela escola. Associado a isto, outro fator vem a se tornar preponderante: a falta de políticas públicas de qualidade, apoio e incentivo à educação, para que esta realmente seja boa e de qualidade. Através dessas deficiências, a educação começa a caminhar com passos mais lentos, ociosos, falhando onde mais deveria se fazer presente, contribuindo para que os discentes não encontrem nela um pilar de sustentação para a construção de sua própria cidadania, abrindo um abismo imensurável no ensino-aprendizagem. Associado à carência

familiar, o discente se depara com uma situação que o deixa desprovido de recursos e motivações para poder prosseguir na própria alfabetização, tornando-o descompromissado com o seu aprender (MARLUCE, 2013).

Em função disso, a criança passa de uma série para outra com enorme carência linguística, ganhando proporções abismais no tocante à aprendizagem. O que seria construído firmemente nas fases iniciais de aprendizagem, passa a ser desfragmentado e desmascarado nas séries seguintes, prejudicando em demasia o desenvolvimento cognitivo do aluno. Atualmente, essa deficiência de aprendizagem vem se tornando motivo de angústias, questionamentos e razão a fim de solucionar o problema. Para suprimir tanta carência num mesmo enfoque, que é a aprendizagem, as escolas procuram desenvolver projetos voltados principalmente para a leitura e a escrita, buscando com isso, minimizar os conflitos que se estendem praticamente em todas as áreas de conhecimento sistemático (MARLUCE, 2013).

A autora ainda evidencia que a viabilidade e a concretude desses projetos é que permitem ao aluno conhecer e dar novos significados à sua vida educacional e pessoal, pois permitem rever e procurar refazer as lacunas que ficaram em aberto durante o processo de construção de sua aprendizagem nas séries iniciais de alfabetização.

Cagliari (1993) informa que:

Ler é decifrar e buscar informações. Já se sabe que o segredo da alfabetização é a leitura. Alfabetizar é, na sua essência, ensinar alguém a ler, ou seja, a decifrar a escrita. Escrever é em decorrência desse conhecimento e não o inverso. Na prática escolar, parte-se sempre do pressuposto de que o aluno já sabe decifrar a escrita, por isso o termo "leitura" adquire outro sentido. Trata-se, então, da leitura para conhecer um texto escrito. Na alfabetização, a leitura como decifração é o objeto maior a ser atingido.

Para os alunos obterem uma boa aprendizagem, é necessário que eles desenvolvam a vontade e o desejo de estudar buscando aperfeiçoar a leitura e a escrita. Vale ressaltar que o progresso na aprendizagem da leitura deverá ocorrer com a mediação do professor (MARLUCE, 2013).

Cagliari (1993) ressalta que:

Quando lê, uma pessoa precisa, em primeiro lugar, arranjar as idéias na mente para montar a estrutura linguística do que vai dizer em voz alta ou simplesmente passar para sua reflexão pessoal ou pensamento. Em ambos os casos, a passagem pela estrutura linguística é essencial. Sem isso, não existe linguagem e, portanto, não pode existir fala nem leitura de nenhum tipo.

Em sala de aula alguns alunos têm dificuldades na leitura porque eles não conseguiram decifrar as letras, não organizam as ideias para pronunciar as palavras, pois não basta a simples articulação de sons da fala para que uma pessoa entenda o que está sendo dito. A interação não é suficiente para que a criança compreenda o sistema da língua escrita. Para se obter o entendimento para uma boa leitura, é necessário que cada pessoa se coloque diante dos acontecimentos apresentados ao momento propício, pois toda pessoa, além de falante, é também ouvinte, ouvinte não só das outras pessoas, mais também de si próprio (MARLUCE, 2013).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 55):

É preciso superar algumas concepções sobre a aprendizagem inicial da leitura. A principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação. Por conta desta grande quantidade de “leitores” capazes de decodificar qualquer leitura para compreender o que tentam ler.

Nesse sentido, é possível formar leitores a partir do momento em que adquiram o hábito de ler. Se isso não for feito, a leitura fica vinculada a práticas distorcidas, sem aprofundamento, por isso ineficaz, incapaz de criar hábitos constantes. Os PCNs (id, p. 58) ainda acrescentam que: “[...] É fundamental ver o professor envolvido com a leitura e com o que conquista por meio dela. Ver alguém seduzido pelo que faz pode despertar o desejo de fazer também”.

Nos PCNs (BRASIL, 1998, p. 58) estão expressos que:

Para tornar os alunos bons leitores – para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e compromisso com a leitura – a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforço. Precisa fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência.

É fundamental entender que para formar leitores, se faz necessário à escola criar ambiente estimulador, com condições favoráveis para que se desenvolva a prática da leitura, onde o aluno se sensibilize pela necessidade de ler, criando um espaço agradável, no qual, o leitor queira permanecer nele e poder desfrutar o que há de melhor, tornando assim um veículo facilitador da aprendizagem no qual lhe dará autonomia diante do seu conhecimento (MARLUCE, 2013).

Segundo os PCNs (BRASIL, 1998, p. 48), para que as dificuldades da leitura sejam superadas, a escola deve:

Dispor de uma boa biblioteca, de um acervo de classe com livros e outros materiais de leitura; organizar momentos de leitura livre em que o professor também leia. Para os alunos não acostumados com a participação em atos de leitura [...] participem e conheçam o valor que a possuem, despertando o desejo de ler.

Os PCNs (BRASIL, 1998, p. 141) também esclarecem que:

A concepção do ensino e aprendizagem revela-se na prática de sala de aula e na forma como professores e alunos utilizam os recursos tecnológicos disponíveis: livro didático, giz e lousa, televisão ou computador. A presença de aparato tecnológico na sala de aula garante mudança na forma de ensinar e aprender. A tecnologia deve servir para enriquecer o ambiente educacional, propiciando a construção de conhecimentos, por meio de uma atuação ativa, crítica e criativa por parte de alunos e professores.

Em suma, é preciso que a escola ofereça condições para que os alunos construam aprendizagens na leitura, além de conquistar o educando de forma prazerosa, para que ele desenvolva o hábito de ler utilizando seus recursos e baseando-se num planejamento que atenda não só os alunos bem sucedidos, mas que dê maior ênfase aos que apresentam dificuldades como leitores, possibilitando um despertar para que as dificuldades transformem-se em facilidade, sensibilizando-os e assegurando-os na apropriação de textos orais e escritos (MARLUCE, 2013).

### **3 A PRÁTICA DOCENTE**

O processo de ensino-aprendizagem tem sido concebido por vários educadores, durante muitos anos, como algo adquirido pela memorização. Então se ensinou durante décadas a ler e escrever seguindo uma sequência lógica de conteúdo. Primeiro, aprendiam-se as letras do alfabeto, iniciando-se pelas vogais, encontros vocálicos; depois, consoantes, famílias silábicas, formação de palavras e, frases. E, finalmente, as crianças estariam prontas para iniciarem a escrita de textos, ou seja, copiarem textos prontos e sem sentido (SOUSA, 2013).

Entretanto, esses dados necessitam ser mudados. Os educadores precisam ter consciência que a prática docente deve estar em constante mudança, assim como, a obtenção de conhecimentos, para se tornar eficaz. A dinamicidade em sala de aula e o desenvolvimento de leituras significantes de acordo com a realidade cotidiana do estudante, a fim de desenvolver neles a construção de novos conhecimentos, tornando-os sujeitos críticos e pensantes, é dever da escola, do professor, da família, dos alunos e da sociedade, ou seja, é dever de cada um contribuir com esforço e

trabalho constante no sentido de formar leitores conscientes e sabedores de que o futuro necessita de indivíduos competentes e indagadores sobre o meio social e seus aspectos contraditórios, principalmente para ter acesso a cidadania.

Segundo Prado et al (2013) houve uma época em que o professor era considerado como mestre do conhecimento, sua profissão era a manifestação de uma vocação ou missão transcendente, não o exercício de um ofício, mas sim, uma profissão. Profissão essa que demonstra duas características que é possível diferenciá-las das demais. Uma é a especificidade acadêmica que lida dos saberes e do saber fazer, que está relacionada à transmissão, ao ensino de conhecimentos, métodos e sua escolha profissional. E a outra, é uma especificidade pedagógica e humanista que se associa a necessidade de formar indivíduos pensantes transformadores de realidade.

No entanto, é possível observar que na contemporaneidade a prática da docência está cada vez mais difícil. O caminho da profissão de educador tem estreita ligação com o histórico do contexto escolar e com os impasses e obstáculos por ela enfrentado (HAGEMeyer, 2004).

Além disso, a prática da docência na esfera educacional vem se moldando com o intuito de atender as demandas dos alunos, não apenas transmitindo conhecimento, mas em busca da interação, motivando os alunos a desenvolverem suas habilidades e concretizarem iniciativas e sonhos (JUNCKES, 2013).

De acordo com Junckes (2013) “essencialmente, o profissional da educação necessita saber conceitos básicos, como: educação, sociedade, aprendizagem, conhecimento para o êxito da sua atuação”.

Desse modo, os professores exercem papel fundamental de garantir que os alunos tenham interesse em compreender e aprender a ler e a escrever, propondo-os maneiras adequadas e significativas de aprendizado. Devem ter o propósito de influenciar os alunos para que, onde haja desinteresse, possa haver mediante esforços dos professores a criação de situações interessantes de estudo, e onde haver dificuldades, o profissional em educação possa interferir e auxiliar de maneira positiva na melhoria da capacitação do aluno. Sendo assim, a função mais significativa do professor é, portanto, creditar confiança e diálogo com os alunos.

Morin (2001) classifica a docência como uma prática complexa, rodeada por incertezas e ambiguidades das funções.

Contudo, no cenário escolar o professor precisa ir além, ultrapassando uma metodologia tecnicista e fragmentada, para atuar em situações novas e problemáticas, que orientam as decisões e a capacidade de autonomia, por meio de uma conduta flexível permeada por um ponto de vista sistemática e estratégico (SILVA, 2016).

Através da maneira dinâmica como o professor conduzirá os conteúdos em sala de aula, os alunos se sentirão motivados a seguirem os seus passos, como também a ampliarem seus conhecimentos. Além disso, também sentirão vontade de produzir textos a partir das experiências lidas e vivenciadas.

É importante ressaltar que os professores não devem associar o termo informação como conhecimento, visto que, apesar de caminharem juntos, não são sinônimos. Informações são fatos, expressão, opinião que as pessoas buscam ou acham por diversos meios sem que saiba os efeitos que acarretam. Já o conhecimento é o entendimento da procedência da informação, de seu processo, das consequências que dela advém e que exigem um nível de racionalidade. A absorção do conhecimento é realizada por meio da construção de conceitos, que permitem a leitura crítica da informação, meio necessário para obtenção da liberdade e autonomia mental (ALVES, 2017).

### **3.1 Reflexões sobre a formação dos professores**

É de extrema importância refletir sobre a formação dos educadores na atualidade, pois, é preciso mudar o paradigma de formação e pensar sobre a distância entre a formação profissional acadêmica e a prática docente, isso significa que os educadores devem promover uma cultura científica baseada nas ciências humanas e sociais em relação à educação, a capacidade de desenvolver pesquisas e análises de situações pedagógicas de aprendizagem, e a prática docente em contextos institucionais escolares (ARAÚJO; YOSHIDA, 2009).

A formação de licenciatura deve formar profissionais aptos para atuarem em diferentes contextos educacionais, formais ou informais, capacitados principalmente de sugerir e analisar de modo crítico políticas e estratégias educacionais, em diferentes contextos e instâncias.

De acordo com Tardif (2005),

[...] o saber dos professores é plural, compósito, heterogêneo, porque envolve, no próprio exercício do trabalho, conhecimentos e um saber-fazer

bastante diversos e de fontes variadas e, provavelmente, de natureza diferente.

Deste modo, entende-se que a formação do professor deve se ampliar em vários âmbitos, fora o escolar, como em serviços para a terceira idade, lazer, cultura e requalificação profissional (VAGULA, 2003).

Conforme Barros (2016), a formação de educadores está voltada para uma área de construção de identidade, descobertas, mudanças, transformações, de vida e de trocas de experiências. Pode ser caracterizado como aprofundar no conhecimento e um fator que influencia em toda uma sociedade. É nessa graduação que os profissionais da educação desenvolvem sua identidade profissional, seus saberes educacionais para a conduta da profissão de maneira que os saberes teóricos e práticos se cruzem na intenção de desenvolver sua profissionalização.

Um importante obstáculo a ser vencido na formação de educadores é desconstruir a ideia de um único método de ensino. Deste modo, é possível afirmar que nada está pronto, e que a formação do profissional é o momento em que este indivíduo irá redefinir seus conceitos e desenvolver sua compreensão da prática. Para que essa redefinição aconteça, é preciso se atentar as mudanças que são exigidas em relação ao educador. O mesmo precisa estar aberto a novos caminhos e ensinamentos que se produzem nessa área e que é essencial para o aperfeiçoamento da docência e para seu sucesso como profissional. É necessário também estar sempre pronto para inovar e desenvolver instrumentos de ensino-aprendizagem. Dessa forma, o professor deve se colocar na posição de eterno aprendiz a procura de uma formação profissional continuada (ARAÚJO; YOSHIDA, 2009).

### **3. 2 O professor de língua portuguesa e sua prática de ensino**

A formação e estratégias de ensino em relação aos professores de língua portuguesa vêm sendo discutida em fóruns, congressos, trabalhos pedagógicos, artigos científicos e no contexto escolar, as quais se realizam discussões sobre os problemas, assim como, sobre propostas e teorias e novas práticas para os reais desafios que essa formação tão importante e essencial dentro do âmbito educacional exige. As mudanças do mundo contemporâneo, como a facilidade em questão de informações, a tecnologia, e a necessidade de se aceitar novos conhecimentos cada

vez mais tem exigido destes profissionais que repensem em novas práticas de educação para se aplicar em sala de aula (GOMES, 2008).

Dentro deste contexto, os educadores de língua portuguesa devem estar atentos a essas mudanças em relação aos ensinamentos da disciplina. As aulas de português, como eram desenvolvidas tradicionalmente, não existem mais. Isso, pois, o conceito atuante é que ao invés de estudar português, os alunos devem aprender por meio da disciplina. Assim, o português deve ser utilizado como ferramenta para outras matérias, para aprender história, geografia, literatura, matemática, química, dentre outras disciplinas. Em outras palavras, os alunos devem aprender, na escrita e leitura, reproduzir sentido “levando em conta os recursos linguísticos presentes (no texto) e percebendo sua inter-relação” e, na escrita, “saber escolher e usar os recursos linguísticos adequados aos propósitos da interlocução” (INDEZEICHAK, 2008).

Pois, um dos maiores desafios das escolas ultimamente vem sendo o ensino e a prática da leitura e escrita. Ler e escrever são atividades que se complementam, porque os bons leitores certamente são bons escritores, uma vez que a leitura é matéria-prima para a escrita.

Compreende-se que a sala de aula é um espaço convidativo para o desenvolvimento da aprendizagem, é neste recinto onde os alunos passam grande parte do dia. A família também exerce papel fundamental nesse processo, porém numa sociedade em que os pais trabalham o dia todo e muitos deles não tiveram acesso a uma boa formação leitora, resta a escola o dever de insistir e desenvolver as habilidades de leitura e escrita nos alunos.

A criança em desenvolvimento educacional deve sentir-se à vontade com a leitura e escrita, e para que isso ocorra, é necessário que os professores e a escola organizem bons materiais de estudos como relata Smith (1989, p. 248):

Não somente o professor deve tentar evitar materiais ou atividades que pareçam absurdos às crianças, mas deve também existir um encorajamento ativo para que a criança faça previsões, compreenda, saboreie. O pior hábito para qualquer aprendiz, é tratar o texto como se não houvesse um sentido a ser extraído deste. Onde há um desajuste, onde existe pouca possibilidade de que a criança compreenda o material, então, a preferência deve ser a de trocar-se de material em vez de se tentar mudar a criança.

Um material de fácil compreensão é o pontapé inicial para o fortalecimento de uma melhoria na leitura dos alunos e para que os mesmos possam estender seus conhecimentos sobre determinado tema em pauta, outros recursos também podem

ser usados, como: palestras, filmes, trabalhos em grupo, que certamente ajudarão no fortalecimento das habilidades da leitura e escrita como um todo.

Neste sentido, os alunos devem ser vistos como um indivíduo ativo, a procura de sua identidade. Para que isso aconteça, os educadores precisam romper com os modelos estanques e ultrapassados como métodos de ensino mecanizados (decoreba), anotações e resumos de textos, fazendo assim, com que a aula de português tenha interação com os alunos, criando um espaço de diálogo construtivo em relação à disciplina de língua portuguesa. Isso significa que, a sala de aula deve ser um ambiente de interlocução, troca de saberes, havendo interpretação e reinterpretação da realidade social dos sujeitos (FREITAS; BARBOSA, 2013).

De modo sucinto, tanto o diálogo como a interlocução podem proporcionar o desenvolvimento de sentidos diversos, por meio da significação no ensino. Deste modo, levam os profissionais de língua portuguesa a criarem um pensamento de ensino em uma dimensão superior, ou seja, social, histórica e fundamental as transformações de seu tempo (FREITAS; BARBOSA, 2017).

A prática do professor de língua português deve abordar um discurso em relação a transformação de metodologia de ensino da disciplina, para que propicie um campo favorável as práticas linguísticas. O ambiente escolar é o lugar de conscientização para que todos os profissionais, de todas as disciplinas, utilizem o texto, leitura e escrita, como principais ferramentas de ensino para a atualidade (AMARAL; DUARTE, 2007).

### **3.3 Dificuldades no processo de ensino-aprendizagem**

A aprendizagem vem tornando-se algo muito desafiador, aja vista muitas vezes o desinteresse dos alunos pela mesma, a falta de acompanhamento por parte da família e das habilidades de leitores atuando em sala de aula. Como levar alguém a gostar de ler e a escrever, se não gostamos? Esse é um dos questionamentos que vem impossibilitando as práticas de ensino-aprendizagem nas salas de aulas.

Entende-se por dificuldades, a incapacidade apresentada por alguns indivíduos diante de novas situações, interpretada por diversos fatores. A dificuldade de aprendizagem não é considerada uma exceção no sistema educativo. O insucesso do aluno, muitas vezes rotulado de dislexia, é também o resultado de outros insucessos políticos, sociais, educacionais, culturais, pedagógicos, dentre outros.

Considerar as dificuldades de aprendizagem como um problema apenas do aluno é ignorar os reflexos das dificuldades de ensino. Se o educador tiver conhecimento da aprendizagem da criança, poderá transformar-se em um facilitador no processo ensino-aprendizagem. Exigir uma atuação das crianças é um caminho improdutivo; cada um tem seu próprio tempo lógico e psicológico e cada um tem também uma forma específica de lidar com o próprio conhecimento.

As diversificações de hipóteses para as dificuldades enfrentadas pelos nossos alunos dependem da ampliação paradigmas sobre as ações e práticas de cada educador.

Weiss (2007) aponta, “para o fato de não existência de consenso quanto à definição do termo dificuldades de aprendizagem”. Isto estaria ocorrendo, segundo a autora, talvez pela referência a uma população muito heterogênea, em que cada aluno é influenciado por contextos, familiares, econômicos, políticos e sociais distintos.

O estudioso Kirk (1962, p.263) define que:

Uma dificuldade de aprendizagem refere-se a um retardamento, transtorno, ou mais processos da fala, linguagem, leitura, escrita, aritmética ou outras áreas escolares resultantes de uma deficiência causada por uma possível disfunção cerebral e ou alteração emocional ou condutas. Não é o resultado sensorial ou fatores culturais é instrucional.

Embora as dificuldades de aprendizagem sejam causadas por uma diversidade de fatos, a extensão em que os alunos são afetados por eles, conseqüentemente, é decidida pelo espaço em que vivem.

Observamos que as situações em casa e na escola, com certeza, podem fazer a diferença entre uma simples deficiência, a qual é um problema verdadeiramente incapacitante.

Percebemos também que o ambiente doméstico influencia bastante na aprendizagem do aluno e que as situações ocorridas no dia a dia do mesmo, afeta seu desenvolvimento intelectual e seu potencial para o processo da aprendizagem. Desse modo, para suprir as dificuldades é necessário que as instituições de ensino precisem se organiza no sentido de proporcionar à criança a satisfação de seus desejos para dessa forma, motivá-las e assim, obter resultados satisfatórios.

No entanto, nas escolas públicas surge o dilema de não conseguir satisfazer as necessidades dos alunos, ocasionado, assim, conflitos. Em vez de alegarem que não conseguem, deveriam investir em diversas metodologias propícias para o ensino.

O aluno é investigado a frustrações de dificuldades e tem como possibilidades de desenvolver senso crítico mais aguçado articulando essas ideias a experiência profissional. Em sala de aula, tem mostrado que o aluno que recebe um incentivo durante toda a vida é mais eficaz, tanto na aprendizagem quanto em si mesmo.

Nota-se que os alunos que foram privados de um ambiente positivo nos primeiros anos enfrentam bastantes obstáculos, mesmo quando não apresentam deficiências. Estes alunos possuem mais lentamente as habilidades cognitivas básicas por adquirirem fracas habilidades sociais, diante disso, tendem a socializar-se mal.

Por outro lado, conforme França (2018), muitas vezes a dificuldade de aprendizagem está relacionada aos problemas que não decorrem de causas educativas, ou seja, aquelas instâncias em que, mesmo após uma mudança na abordagem educacional do professor, o aluno continua apresentando os mesmos sintomas. Isso aponta para a necessidade de uma investigação mais aprofundada, que determinará quais são as causas da dificuldade em questão. Desse modo, as principais dificuldades de aprendizagem são associadas a algum comprometimento no funcionamento de certas áreas do cérebro. Porém, é arriscado falar somente em uma causa biológica. Frequentemente, alunos que apresentam sintomas relativos a problemas de atenção, ansiedade ou agitação desenvolvem esses problemas por causa de algum conflito pessoal ou familiar e não por razões de ordem fisiológica.

Segundo Polity (1998, p.73):

O termo da dificuldade de aprendizagem é definido pelo instituto Nacional de Saúde Mental da seguinte forma: dificuldades de aprendizagem é uma desordem que afeta as habilidades pessoais do sujeito em interpretar o que é visto, ouvido o relacionar essas informações vindas de diferentes partes do cérebro. Essas limitações podem aparecer formas: dificuldade específica no falar, no escrever, coordenação motora, autocontrole ou atenção. Essas dificuldades abrangem os trabalhos escolares e podem impedir o aprendizado da leitura, da escrita ou da matemática.

Essas manifestações podem ocorrer durante toda a vida do sujeito, afetando várias facetas: trabalhos escolares, rotina diária, vida familiar, amizades e diversões. Em algumas pessoas as manifestações dessas desordens são aparentes. Em outras aparecem apenas um aspecto isolado do problema, causando impacto em outras áreas da vida.

De acordo com Smith (2007), “Por muitos anos, supôs-se que todos os estudantes com dificuldades de aprendizagem haviam experienciado alguma espécie de dano cerebral”. O mesmo pontua que, atualmente a maioria das crianças com dificuldades de aprendizagem não tem uma história de lesão cerebral. Mesmo quando a possuem, nem sempre é o certo que esta é, a fonte de suas dificuldades escolares.

Segundo Santos (2017), quando falamos em dificuldades de aprendizagem, estamos nos referindo especificamente a alguns tipos de desordens que impedem uma pessoa de aprender no mesmo ritmo de quem não apresenta o problema e não à dificuldade normal que todos temos em aprender um determinado tema. Essas desordens normalmente afetam a capacidade do cérebro em receber as informações e processá-las, comprometendo o aprendizado e deixando-o mais lento em comparação do que o normal. Elas podem estar relacionadas tanto a fatores externos quanto a alguns tipos de transtornos. O autor também evidencia os principais tipos mais comuns de dificuldades de aprendizagem, estando entre eles: a dislexia, a qual apresenta um transtorno de aprendizagem de origem neurobiológica, ou seja, que ocorre no cérebro, na coluna vertebral e nos nervos, e que tem como principal característica a dificuldade de ler e escrever.

Quem sofre com este problema tem dificuldade no reconhecimento preciso e fluente das palavras e na habilidade de decodificar e soletrar. Além disso, trata-se de um problema crônico, que pode perdurar por anos ou durante a vida toda.

### **3.4 Metodologias para práticas de ensino**

É comum entre os educadores o comentário de que os alunos não têm interesse em aprender, os mesmos não costumam ler e nem escrever. Diante disso, requer pensar, se as metodologias utilizadas em sala de aula despertam o gosto pela aprendizagem. Se o docente vê o texto apenas como um dispositivo de informações, ele jamais buscará o implícito, e conseqüentemente, não construirá o verdadeiro sentido do texto.

O interesse pela aprendizagem progride no processo de construir significado a partir dos conteúdos apresentados em sala de aula. Portanto, torna-se possível pela interação dos métodos adquiridos pelo conhecimento do aluno. Quanto maior for o incentivo pela aprendizagem, melhor será o aprimoramento do conhecimento.

Santos (2015) explica que é preciso oferecer à criança atividades lúdicas, que

possam despertar a curiosidade pelo que é fantasioso, por histórias que podem ou não ser adaptadas, é importante, contudo, se que conte histórias. Narrativas orais, que ocorreram na própria vida do professor também podem ser utilizadas, é fundamental que o conteúdo seja pertinente. O contato com os livros também é importante, e isso pode ser incentivado dentro do contexto familiar, preservado e valorizado na escola, que é um ambiente de troca de experiências, que se mostra tão importante para o aprendizado.

Dessa forma, nota-se também que os recursos didáticos são grandes aliados para a prática de ensino. Para Souza (2007, p.111), “Recurso didático é todo material utilizado como auxílio no ensino aprendizagem do conteúdo proposto para ser aplicado, pelo professor, a seus alunos”.

Desse modo, “O professor deve variar ao máximo sua utilização dos recursos didáticos, levando em consideração a adequação em cada momento ou cada fase do processo de ensino.” (SILVA et. al. 2012).

Outro recurso que pode e deve ser explorado pelo professor é a tecnologia, que segundo Carvalho & Cornélio (2016), nos dias atuais as crianças já nascem inseridas em um mundo digital, onde elas exploram novos saberes. As crianças já têm a tecnologia em seu meio e brincadeiras. Assim, devemos usar essa ferramenta, a favor da aprendizagem de maneira prática e coerente no nosso cotidiano escolar. Os professores devem usar todo recurso para deixar as aulas interativas e dinâmicas e para isso a tecnologia vem somar na hora do aprender.

De acordo com Libâneo (1994), “A prática da avaliação utilizada nas escolas, em sua maioria, está reduzida a uma função de controle mensurado num resultado quantitativo obtido por meio de provas”.

Entretanto, segundo Moreira (2014, p. 20) “As estratégias de ensino a que os profissionais recorrem devem estimular diversas capacidades do aprendiz como, por exemplo: a observação, a liderança, a teorização e a síntese”.

Cury (2003, p.65) ressalta que:

Os educadores, apesar das suas dificuldades, são insubstituíveis, porque a gentileza, a solidariedade, a tolerância, a inclusão, os sentimentos altruístas, enfim todas as áreas da sensibilidade não podem ser ensinadas por máquinas, e sim por seres humanos.

Em vista disso, adequar os métodos as necessidades dos alunos é um ponto

muito importante, pois como destaca Moreira (2014, p.20), as aulas devem ser organizadas conforme as necessidades dos educandos e os interesses próprios da idade, adequando os conteúdos em um grau de dificuldade que respeite o nível de aprendizagem do grupo.

### **3.5 A aprendizagem da leitura e da escrita**

As pessoas aprendem a ler antes de serem alfabetizadas. Desde pequenos, somos conduzidos a entender um mundo que se transmite por meio de letras e imagens. Mesmo as crianças que residem longe dos grandes centros urbanos, conhecem o significado de certas siglas e sabem identificar diversas figuras.

O universo da leitura e da escrita, envolvem o ser humano por todos os lados, estimulando a aprendizagem, tarefa essa que é delegada à escola por ocasião da alfabetização, porém, nem sempre os resultados são positivos, e assim, muitas crianças acabam por ficar excluídas do mundo das letras.

De acordo com Leffa (1996, p. 11), “Quando o leitor diz “li, mas não entendi”, significa dizer que ele ficou apenas no primeiro elemento da realidade; isto é, olhou, mas não viu. Desse modo, houve apenas a tentativa de leitura, mas não a leitura”.

Deve-se também, compreender a leitura como diálogo entre leitor e texto, entre contextos às vezes bastante diversos, e entender que essa atividade promove uma interação entre o momento da leitura e o da produção textual, sendo capaz de estimular o imaginário e as emoções das crianças. Entender o espaço escolar como aquele em que podem ser desenvolvidas as primeiras relações da criança com a sociedade, espaço responsável pelas primeiras conquistas.

Conforme Neubauer e Novaes (2009), “A leitura enquanto prática associa-se desde seu aparecimento à difusão da escrita, à fixação do texto na matéria, à alfabetização do indivíduo, livro, de preferência na infantil e juvenil de sua vida”.

Percebe-se também que aprender a ler e utilizar-se da leitura como veículo de informação e lazer, promove a formação do indivíduo com alta capacidade de escrever, de interagir com o mundo que o rodeia, além de se tornar alguém agente de modificações na sociedade em que vive.

Nos primeiros dias de aula, o professor tem uma tarefa imprescindível, que é descobrir o que cada aluno sabe sobre o sistema de escrita. É a chamada sondagem inicial ou diagnóstica da turma, que permite identificar quais hipóteses sobre a língua

escrita os discentes têm, e com isso adequar o planejamento das aulas de acordo com as necessidades de aprendizagem. Essa estratégia permite uma avaliação e um acompanhamento dos avanços na aquisição da base alfabética.

Vale destacar que “[...] o autor tem uma intencionalidade que se materializa em uma estrutura textual e que o leitor contribui na construção do significado, imprimindo ao texto sua leitura que envolve a sua história de leitor e suas experiências” (NEUBAUER; NOVAES, 2009).

Neubauer e Novaes (2009) destacam ainda que “A leitura é um processo interativo no qual atuam o conhecimento prévio e as informações do texto. É analítico, construtivo e estratégico.” Dessa maneira, percebe-se que a leitura e a escrita...

Com base nos estudos de Morais e Albuquerque (2004), constata-se que,

As crianças que vivem em ambientes ricos em experiência de leitura e escrita, não só se motivam para ler e escrever, mas começam, desde cedo, a refletir sobre as características dos diferentes textos que circulam ao seu redor, sobre seus estilos, usos e finalidades.

Entende-se que a evolução do educando pode ser facilitadora pela atuação significativa do professor, que deve estar sempre atento às necessidades observadas em seu desempenho, para lhe propor atividades adequadas que a conduzirão ao nível seguinte. Logo, o processo de alfabetização e da leitura não é imediato, ele tem diversas etapas e se dará ao longo dos anos subsequentes do ensino fundamental.

Dessa forma, a primeira medida a ser tomada pelo professor é, portanto, colocar os livros ao alcance dos alunos em sala de aula. A proximidade entre o leitor e o texto, na forma de livro, motiva o interesse e o induz a leitura, mesmo no caso de pessoas que ainda não foram alfabetizadas. Por isso, publicações destinadas às mesmas apresentam mais ilustrações, pois a imagem captura a atenção do leitor e, por estar acoplada à escrita, suscita o interesse por seu entendimento.

Assim, há diversas estratégias de ensino para que os alunos se tornem a cada dia melhores leitores (PAIVA, 2017, apud SCHWARTZ, 2017). Dentre essas estratégias de ensino, temos a observação, para entender o que está motivando a relutância de cada indivíduo, os professores precisam retroceder e observar como o aluno interage com a leitura, o que diz sobre as abordagens dos docentes com a leitura e como ele se sente sobre isso para entender quais estratégias específicas funcionam ou não.

Além disso, nota-se que os alunos não gostam de ler por muitas razões e diferentes estratégias. Por exemplo, um aluno que articula o que ele tentou, o que não entendeu e no que ele precisa de ajuda, está, por exemplo, sinalizando que está disposto a avançar. Isso é muito diferente de um aluno que evita ler completamente. Este quadro mais individualizado do leitor não virá de testes padrões. Quando essa dinâmica da sala de aula muda, os alunos começam a fazer coisas por si mesmos e não porque a professora pediu que fizessem (PAIVA, 2017 apud SCHWARTZ, 2017).

Em seguida, temos a estratégia do espelhar, em que os professores podem dar aos alunos informações orientadas e construtivas, apontando quais estratégias eles usaram ou não e como estas impactaram o resultado final. Por conseguinte, há os exemplos, que é quando os professores podem mostrar para os alunos como usar estratégias que podem ajudá-los a melhorar. E o terceiro é o movimento do professor, porque, antes que os professores possam efetivamente orientar, eles precisam ter uma noção do indivíduo-leitor. Pense nessa etapa como em um programa televisivo de culinária, em que são dadas dicas úteis e quando elas podem ser usadas. Se o professor perceber que muitos estudantes estão pulando palavras que não sabem, por exemplo, ele pode dar como modelo o que ele faz quando se depara com uma palavra que não conhece, em um exercício de leitura compartilhado (PAIVA, 2017, apud SCHWARTZ, 2017).

Outra parte importante é ajudar os alunos a entenderem como transferir estratégias de leitura de um livro para o outro. Por exemplo, ao ler alto para os alunos, o professor pode, ao identificar um conflito na trama, parar e discutir com os alunos como esse conflito reflete todas as decisões que o personagem faz. Então, os alunos podem voltar para suas leituras independentes para praticar a mesma estratégia em um livro diferente (PAIVA, 2017, apud SCHWARTZ, 2017).

Outra dica é guiar quando um aluno está tentando usar uma nova estratégia, ele pode ter dificuldade. É quando o professor pode dar uma assessoria, como “tente ler esse trecho novamente”, ou “que outras palavras você conhece que têm nessa parte”. É crucial, no entanto, que os professores não façam todo o trabalho pelos estudantes. Quando os docentes ajudam demais, tiram do aluno o “aprendizado alto”, que advém do sentimento de compreender algo que não veio naturalmente (PAIVA, 2017, apud SCHWARTZ, 2017).

Pode ser muito difícil deixar os alunos se esforçarem, mesmo quando sabemos que a habilidade está ao alcance do aluno. Então, três dicas podem ajudar, primeiro, dê um passo para trás. Esse espaço é importante para lembrar que não é seu trabalho consertar isso. O professor também pode escrever a dificuldade em um caderno para, mais tarde, conversar com o aluno sobre. Isso dá permissão para se afastar no momento certo. Por fim, o professor pode nomear a dificuldade para o aluno. Por exemplo, “você está confuso sobre a ideia principal da trama”. Quando dita com empatia, a frase pode dar ao aluno um pequeno impulso na direção certa, mas sem resolver o problema por ele (PAIVA, 2017, apud SCHWARTZ, 2017).

## **4 EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

### **4.1 Sujeitos pesquisados**

Os estágios foram realizados nas turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do ensino fundamental II e médio, as quais são compostas em média por 20 alunos, porém, frequentam em torno de 13 a 15 alunos por dia. Aparentemente, parecem ter entre 18 (dezoito) e 60 (sessenta) anos de idade, sendo que a maioria trabalha durante o dia e à noite dedicam-se ao estudo em busca de um futuro melhor. Além disso, muitos alunos não tiveram a oportunidade de cursar a escolarização básica em idade própria, devido às condições socioeconômicas da família.

### **4.2 O estágio supervisionado**

Erro! Indicador não definido.

O estágio é um período necessário para o processo de formação profissional, pois possibilita ao estudante a vivência com os conhecimentos adquiridos durante a graduação. É o espaço, o qual o acadêmico irá compartilhar seus conhecimentos, fazendo relação entre teoria e prática, cooperando assim, para a construção de uma melhor educação.

De acordo com Pimenta e Lima (2004), o estágio é “o eixo central na formação de professores, pois é através dele que o profissional conhece os aspectos indispensáveis para a formação da construção da identidade e dos saberes do dia-a-dia”. Os mesmos ainda ressaltam que “O estágio tem por objetivo, preparar o

estagiário para a realização de atividades na escola, com os professores nas salas de aula, bem como para a análise, avaliações e crítica”.

O estágio foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. Antônio Benvindo, situada a Rua Napoleão Laureano, nº 576, Bairro: Novo, na cidade de Guarabira-PB.

A escola é uma unidade de ensino mantida pelo Governo do Estado sob a orientação da Secretaria de Educação e supervisão da 2ª Região de Ensino, através de recursos adquiridos pelo FUMDEF (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério). A mesma foi fundada no ano de 1968 e é autorizada pelo decreto de número 8.994 de 12 de março de 1981. Além disso, atende crianças, jovens e adultos nas seguintes modalidades de Ensino: Educação Especial (Multifuncional), Ensino Fundamental I e II e EJA (Educação de Jovens e Adultos - Ensino Fundamental 2º seguimento e Ensino médio), nos respectivos turnos: matutino, vespertino e noturno.

A estrutura da escola é composta por 7 salas de aula, 1 diretoria, 1 secretaria, 1 sala de professores, 1 miniauditório, 1 cantina e 2 banheiros, sendo 1 masculino e 1 feminino. A escola não possui biblioteca e também não há algum tipo de laboratório, assim, as faltas desses meios educativos também influenciam no aprimoramento das atividades realizadas na escola, até porque, muitos alunos não têm condições de possuírem livros para praticar a leitura. Desta forma, o desenvolvimento do educando é comprometido.

Atualmente, a formação de leitores requer condições favoráveis, não só em relação aos recursos materiais disponíveis, mas, também em relação ao uso que deles se faz nas práticas de leitura, ampliando assim, o desenvolvimento intelectual do aluno.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p.71), “A escola deve dispor de uma biblioteca em que sejam colocados à disposição dos alunos, inclusive para empréstimo, textos de gêneros variados, materiais de consulta nas diversas áreas do conhecimento, almanaques, revistas, entre outros”.

### **4.3 A observação**

A observação é um momento altamente importante de análise metodológica e conhecimento do campo de estágio. Os principais objetivos são conhecer as normas

que regem as aulas, bem como a dinâmica entre professor e aluno no processo de ensino e da aprendizagem. Conforme Silva e Aragão (2012), o ato de observar é fundamental para analisar e compreender as relações dos sujeitos entre si e com o meio em que vivem.

Durante o período do estágio, observamos e analisamos o conteúdo programático das aulas, o estímulo dos alunos, as avaliações críticas referentes aos métodos utilizados e a postura da professora, a qual apresenta uma relação amigável e bastante profissional com os alunos.

Percebemos também, que nos momentos das explicações, os alunos mostraram-se atentos e interessados. Além disso, participaram de situações de descontração e interatividade durante as aulas.

Como momento de socialização, os alunos relataram fatos cotidianos de trabalho, viagens e situações sociais. Cada um apresentou sua opinião sempre respeitando a do outro.

Em uma das aulas observada, a professora iniciou a aula, lendo em voz alta um texto musical para a turma, denominado “Muros e grades” de autoria do compositor Humberto Gessinger. A música faz parte do álbum *Várias Variáveis* (1991), do grupo Engenheiros do Hawaii e retrata a violência nas grandes cidades e a maneira como a sociedade se comporta diante disso, mesmo sendo escrita nos anos 90, descreve a nossa realidade.

Com essa mesma música, a professora trabalhou em sala de aula o gênero textual canção, a compreensão e interpretação de texto.

Analisamos que a professora ministra as aulas com muita dedicação, os alunos sempre mantêm respeito por ela, existe um bom relacionamento entre eles. Predomina o diálogo entre a professora e os alunos em sala de aula. A metodologia utilizada nas aulas é a tradicional utilizando o quadro, piloto, caderno, livro, entre outros recursos didáticos. As avaliações são feitas com prova individual, trabalhos individuais e em grupos, além de questionários individuais. A professora realiza seu planejamento com livros didáticos, internet, gravuras, projetos, entre outros. Segundo ela, o livro didático é um apoio ao professor e que não pode se prender totalmente a ele, devendo sempre ter outros meios para complementar as aulas com uma linguagem acessível aos alunos.

#### 4.4 A intervenção pedagógica

Percebemos o quanto a EJA tem suas limitações, por ter as aulas e o calendário escolar reduzidos. Além disso, os alunos já têm uma certa idade avançada e a preocupação para o aprendizado torna-se cada vez maior. É importante ressaltar, que a instituição de ensino faz o possível para a escola sempre funcionar.

Em uma das aulas, iniciamos apresentado o assunto sobre advérbios de maneira bem didática através dos conhecimentos prévios dos alunos. Em seguida, entregamos para cada um, uma tabela com os tipos e exemplos de advérbios, em que exploramos instigando o conhecimento prévio dos alunos, perguntando se eles já conheciam sobre a semântica desse vocábulo.

Após esse primeiro momento de interação, revisamos sobre os tipos de advérbios mais presentes na língua portuguesa como também em situações do dia a dia. Dando prosseguimento, os alunos confeccionaram cartazes a partir de imagens e palavras que demonstrassem os diversos tipos de advérbios.

Para fixar o aprendizado, levamos uma dinâmica que consistiu na interação do aluno com o conteúdo. A dinâmica apresentou-se da seguinte forma: cada aluno recebeu uma palavra que consistia em um tipo de advérbio e cabia ao mesmo identificar em qual frase se adequava melhor, as quais estavam expostas em um cartaz fixado no quadro.

Além dessas atividades, também foi realizada a seguinte: sorteando advérbios. Inicialmente, com os discentes formamos alguns grupos. O grupo 1 sorteou uma frase e leu para o grupo 2. Este deveria identificar e classificar o advérbio que eventualmente estivesse contido nela. Em seguida, o grupo 2 sorteou outra frase e leu para o 3 e assim sucessivamente. Depois se inverteram os papéis. O exercício acabou quando todos os grupos apresentaram respostas corretas.

A oficina foi finalizada com uma atividade lúdica baseada no espírito de coletividade dos alunos, em que envolveu descontração, confiança, respeito e comunicação. Ressaltou também a valorização e o reconhecimento das virtudes e qualidades dos membros.

A dinâmica foi um recurso bastante dialogado e eficaz, pois os alunos puderam verbalizar oralmente suas dúvidas e acertos sobre o conteúdo de maneira leve e descontraída. Além disso, mostrar que as informações vão além do que está escrito nelas. Essa interação resultou numa participação ativa entre os educandos, pois como

destaca Antunes (2003), a oralidade também possui uma interatividade e os alunos precisam conhecer as diferentes competências da comunicação para agirem em conformidade nos seus discursos orais.

Através desta aula, os alunos aprenderam estudar os advérbios e sua classificação. A produção dessa oficina esteve relacionada ao uso da gramática e da reflexão da língua, que foram trabalhados de forma reflexiva para que os alunos pudessem compreender e relacionar os conteúdos a realidade em que vivem. Para Antunes (2003), o trabalho com a gramática precisa ser flexível para que os sujeitos possam interagir com os contextos de uso da língua.

Ministrar a oficina foi relevante para o nosso conhecimento e nossa futura prática docente.

## **5 ANÁLISES E RESULTADOS**

Diante das práticas realizadas em sala de aula, percebemos o quanto à escolha das temáticas foi de grande valia para os discentes, pois os próprios alunos chegaram à conclusão do quanto é importante o conhecimento para a vida, pois este saber é necessário além da escola.

Compreende-se que o estudo e o ensino de uma língua não podem, neste sentido, deixar de considerar, como se não fossem pertinentes, a diferentes instâncias sociais, pois os processos interlocutivos se dão no interior das múltiplas e complexas instituições de uma dada formação social. A língua, enquanto produto desta história e enquanto condição de produção da história presente vem marcada pelos seus usos e pelos espaços sociais destes usos. Neste sentido, a língua nunca pode ser estudada ou ensinada como um produto acabado, pronto, fechado em si mesmo, de lado, porque sua 'apreensão' demanda apreender no seu interior as marcas de sua exterioridade constitutiva (e por isso o externo se internaliza), de outro lado porque o produto histórico, resultante do trabalho discursivo do passado, é hoje condição de produção do presente que, também se fazendo história, participa da construção deste mesmo produto, sempre inacabado, sempre em construção. (GERALDI, 2009, p. 26).

Nesse embasamento,

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo

comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. (PCN, 2001, p. 23)

Através das aulas realizadas, pudemos notar que ao adentrar a sala de aula na posição de professores, requer o compromisso com o aluno. O professor de língua portuguesa está na ambígua posição de lecionar o conteúdo da Gramática Tradicional e da Literatura, incluindo a preparação e a prática de escrita de textos.

De acordo com os PCNs (1998), as atividades que envolvem o trabalho com a oralidade e a escrita possibilitam nos discentes o aprimoramento de competências que auxiliam o uso da linguagem nas diversas situações comunicativas.

Durante o período do estágio, analisamos o quanto a prática docente enfrenta diversos desafios, o professor lida com diferentes situações apresentadas individualmente pelos alunos, seja numa esfera social, física, psicológica ou outra. Além desses fatores, existem uma extrema cobrança diária por todas as partes, pais, alunos, corpo docente e pedagógico. O professor tem também a elaboração dos conteúdos programáticos das aulas e o dever de estimular os alunos.

Conforme as pesquisas realizadas, observamos que os alunos apresentam bastante dificuldade na leitura e na escrita, não conseguem decifrar as letras, e assim, não organizam as ideias para pronunciar as palavras. Percebemos também, que a interação não é suficiente para que o aluno compreenda o sistema da língua escrita.

Outro desafio encontrado foi a insegurança na comunicação, demonstrada pelos alunos, principalmente em situações formais. Os alunos demonstram também dificuldade de redação, interpretação e compreensão de textos. Desse modo, é preciso que a escola ofereça condições para que os alunos construam aprendizagens na leitura e na escrita.

Por meio dos estágios, tivemos a oportunidade de vivenciar a realidade do cotidiano escolar bem como conhecer a estrutura física, administrativa e os desafios que todos os envolvidos nessa tarefa de educar se deparam no seu dia a dia.

Os estágios trouxeram mais aprendizados, pois, sabemos que a profissão docente exige uma troca entre professor e alunos, sendo que estes últimos, como pessoas, são diferentes uns dos outros, vivem realidades diferentes umas das outras. Portanto, devemos esperar e saber lidar com comportamentos e resultados diferentes de turma para turma, aluno para aluno.

Conforme os PCN:

Atender necessidades singulares de determinados alunos é estar atento à diversidade: é atribuição do professor considerar a especificidade do indivíduo, analisar suas possibilidades de aprendizagem e avaliar a eficácia das medidas adotadas. [...] a atuação do professor em sala de aula deve levar em conta fatores sociais, culturais e a história educativa de cada aluno, como também características pessoais de déficit sensorial, motor ou psíquico, ou de superdotação intelectual. Deve-se dar especial atenção ao aluno que demonstrar a necessidade de resgatar a auto-estima. Trata-se de garantir condições de aprendizagem a todos os alunos, seja por meio de incrementos na intervenção pedagógica ou de medidas extras que atendam às necessidades individuais. (PCN, 2001, p. 96-97)

Vale ressaltar, que ministrar as aulas foi de extrema importância para o nosso desempenho, por meio da prática, pudemos sentir com detalhes a rotina do ensino de Língua Portuguesa, como as dificuldades apresentadas pelos alunos no ensino-aprendizagem.

A prática da docência exige dedicação, determinação, esforço e compromisso todos os dias, pois não é tarefa fácil.

Diante disso, esta pesquisa contribuiu para despertar na prática docente, algumas possibilidades de valorizar atividades que complementem as aulas de língua portuguesa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo propôs realizar uma análise frente à prática docente, abordando contextos acerca da educação, escola, a formação dos professores e a docência de língua portuguesa. No que diz respeito à prática docente, pode-se dizer que os espaços educacionais se alteraram e foram modificados no mundo contemporâneo, transformando e afetando diretamente os papéis e práticas dos educadores, fazendo com que a imagem do professor como único responsável por transmitir conhecimento seja desconstruída. Atualmente, o professor deve agir como um mediador em sala de aula, criando um ambiente favorável para o ensino-aprendizagem, com interação dos alunos e modificação dos processos de transmissão de conhecimento.

Conclui-se que os docentes da área de língua portuguesa devem adotar condutas inovadoras, mais abertas e compreensivas em relação aos obstáculos sujeitos na prática de sua docência. É preciso desenvolver novas práticas pedagógicas, uma vez que a disciplina de português envolve todas as outras matérias, deste modo, é preciso que o professor crie métodos inovadores, incentivando a leitura, escrita, interpretação de texto, além de tudo, desenvolvendo uma relação de professor-aluno saudável em busca de proporcionar um ambiente de ensino e aprendizagem favorável.

Compreende-se que o estágio supervisionado proporciona uma experiência única, possibilitando um contato direto com a realidade escolar. Desse modo, o estágio é um momento de preparação para nós acadêmicos e futuros professores encararmos a sala de aula, as dificuldades cotidianas da educação e as carências individuais de cada aluno. Utilizamos esse momento de estágio para encontrar nossas próprias limitações e superá-las, aprimorando os conhecimentos para a realização de uma prática mais eficaz.

Mediante as práticas de ensino, nota-se que o aperfeiçoamento da prática docente é diário e contínuo. E que, além de aprender a preparar aulas, o estágio evidenciou a importância da relação professor x aluno, confirmando que o respeito, a dedicação e a boa vontade resultam em pequenas vitórias na sala de aula.

Avaliamos também, este período de estágio como uma experiência positiva e desafiadora, além da enorme contribuição de saberes e aprendizados para a nossa formação acadêmica como futuros professores.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Lívia. **A prática pedagógica na educação atual**. Brasil Escola, 2017. Disponível em <<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/a-pratica-pedagogica-educacao-atual.htm>>. Acesso em: 26 out. 2019
- AMARAL, Luís Caetano do; DUARTE, Nóris Eunice W. **O professor de língua portuguesa moderno e o discurso escolar anacrônico**. Calidoscópico Vol. 5, n. 1, p. 15-18, jan/abr 2007.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ARAÚJO, Paulyane Leal de; YOSHIDA, Sônia Maria Pinheiro Ferro. **Professor: Desafios da prática pedagógica na atualidade**. Faculdades Integradas Mato Grossenses de Ciências Sociais e Humanas, Cuiabá, Mato Grosso, 2009.
- BARROS, Wadilson Duarte Cavalcante. **Formação De Professor: A Construção Do Saber Docente**. Universidade Estadual da Paraíba, 2016.
- BATISTA, Suênya Marley Mourão. **Prática Docente Reflexiva Crítica Como Possibilidade De Formação Continuada De Professores Do Ensino Superior**. Editora Realize, v. 5, 2016.
- BOLFER, Maura Maria Morais de Oliveira. **Reflexões Sobre Prática Docente: Estudo De Caso Sobre Formação Continuada De Professores Universitários**. 228 p. Universidade Metodista De Piracicaba, São Paulo, 2008.
- BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental**. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Brasília/DF: MEC, SEF, V. 2, 1988.
- BRASIL. **Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental**. Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução: Brasília/ DF: MEC, SEF, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 2001.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 1993.
- CALLIARI, Denise Ulir. **Qualidade: Retratos Da Educação Brasileira Da Atualidade**. Núcleo Regional de Curitiba, PR, Brasil, 2004.
- CARVALHO, Gardênia Gomes Braga de; CORNÉLIO, Melânia Lopes. **A UTILIZAÇÃO DA TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**. Anais do III CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. 2016 - Natal – RN. Disponível em: [http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO\\_EV056\\_MD4\\_SA17\\_ID7414\\_13082016143840.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD4_SA17_ID7414_13082016143840.pdf). Aceso em 08 de setembro de 2019.

CELLARD, A. **A análise documental**. In: Poupart, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

KIRK, S. A. **Educating exceptional Children**. Boston: Houghton Mifflin, 1962.

FRANÇA, Luísa. **O QUE É DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM E COMO CONTORNÁ-LA?** Bem-Estar do Aluno. Par: Plataforma Educacional, 2018. Disponível em: <<https://www.somospar.com.br/dificuldade-de-aprendizagem/>>. Acesso em 03 de agosto de 2019.

FREITAS, Manoel Guilherme; BARBOSA, Maria do Socorro Maia Fernandes. **O professor de língua portuguesa no contexto atual: desafios e avanços**. Revista Letras Raras ISSN: 2317-2347 – Vol2, Nº 1 – 2013. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/130>. Acesso em 15 de agosto de 2019.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas: Mercado das Letras/ALB, 2009.

GOMES, Cláudia Santos do Nascimento. **A formação de professores de língua portuguesa e a educação linguística: um estudo de caso**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

HAGEMEYER, Regina Cely de Campos. **Dilemas e desafios da função docente na sociedade atual: os sentidos da mudança**. Educar, Curitiba, n. 24, p. 67-85, 2004. Editora UFPR.

INDEZEICHAK, Silmara Terezinha. **O professor de língua portuguesa e o ensino mediado pela tecnologia**. Ponta Grossa, [2008?] Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/19-4.pdf>. Acesso em 13 de setembro 2019.

JUNCKES, Rosani Casanova. **A Prática Docente em Sala de Aula: Mediação Pedagógica**. Simpósio sobre Formação de Professores, jun/2013.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Editora Cortez, 1994.

LEFFA, Vilson J. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística**. Porto Alegre: Sagra, 1996.

MARLUCE. **A leitura e a escrita na escola e os desafios atuais**. Pedagogia ao pé da letra, 2013. Disponível em: <<https://pedagogiaaopedaletra.com/leitura-escrita-escola-desafios-atuais/>>. Acesso em 04 de outubro de 2019.

MORAIS, A. G. & ALBUQUERQUE, E. B. C. **Alfabetização e letramento: o que são? Como se relacionam? Como alfabetizar letrando?** In: LEAL, T. F. e ALBUQUERQUE, E. B. C. Alfabetizando jovens e adultos letrados: outro olhar sobre a educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MOREIRA, Ana Elisa da Costa. **Relações entre as estratégias de ensino do professor, com as estratégias de aprendizagem e a motivação para aprender de alunos do ensino fundamental 1** – Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2014.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 3ª ed. São Paulo, Cortez, 2001.

NEUBAUER, Airton Filho; NOVAES, Flávio de. **Leitura e a escrita como forma de desenvolvimento**. 2009. Disponível em: <[http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3452\\_1986.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3452_1986.pdf)>. Acesso em 03/02/2019.

PAIVA, *Thais*. **Quatro estratégias de ensino para promover a leitura**. Centro de Referências em Educação Integral. MindShift, 2017. Disponível em: <<https://educacaointegral.org.br/metodologias/quatro-estrategias-de-ensino-para-promover-a-leitura/>>. Acesso em 04 de outubro de 2019.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

POLITY, E. **Pensando as dificuldades de aprendizagem a luz das relações familiares**. In: POLITY e Psicopedagogia: um enfoque sistemático. São Paulo: Empório do Livro, 1998.

PRADO, Alcindo Ferreira; COUTINHO, Jecilene Barreto; REIS, Osvaldineide Pereira de Oliveira; VILLALBA, Osvaldo Aresenio. **Ser Professor na Contemporaneidade: Desafios da Profissão**. Artigo Científico (Mestrado). Universidade San Carlos, 2013.

SANTOS, Bruno Botelho dos. **Dificuldades de aprendizagem: o que são e tipos mais comuns**. In: Ativo Saúde, 2017. Disponível em: <https://www.ativosauade.com/saude-mental/dificuldades-de-aprendizagem-o-que-sao-e-tipos-mais-comuns/>. Acesso em 05 de outubro de 2019.

SANTOS, Maiara de Souza. **As Perspectivas que o Espaço Empresarial tem Sobre a Atuação do Pedagogo nas Empresas**. Monografia (Graduação). 50 p. Centro Universitário Univates. Lajeado, 2015.

SILVA, Maria do Amparo dos Santos; SOARES, Isack Rocha; ALVES, Flávia Chini; SANTOS, Maria de Nazaré Bandeira dos. **Utilização de Recursos Didáticos no processo de ensino e aprendizagem de Ciências Naturais em turmas de 8º e 9º anos de uma Escola Pública de Teresina no Piauí**. O Congresso Norte-Nordeste de Pesquisa e Inovação (CONNEPI) Palmas –Tocantins. 2012.

SILVA, Maria Janete Nogueira. **Os Desafios da Prática Docente na Atualidade**. Artigo Científico (Graduação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Martins, 2016.

SMITH, Corinne. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z: um guia completo para pais e educadores [recurso eletrônico]** / Corinne Smith, Lisa Strick; tradução Dayse

Batista. Porto Alegre: Artmed, 2007. Disponível em:  
[http://www.patricia.almeida.defiji.unir.br/uploads/38627195/arquivos/dificuldades\\_de\\_aprendizagem\\_de\\_a\\_a\\_z\\_172223520.pdf](http://www.patricia.almeida.defiji.unir.br/uploads/38627195/arquivos/dificuldades_de_aprendizagem_de_a_a_z_172223520.pdf). Acesso em 02 de outubro de 2019.

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler**. 4ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989, p. 200-257.

SOUSA, Lúcia Beatriz de. **O desenvolvimento da leitura e da escrita nas séries iniciais do ensino fundamental**. Pedagogia ao pé da letra, 2013. Disponível em:  
<<https://pedagogiaaopedaletra.com/monografia-desenvolvimento-leitura-escrita-series-iniciais-ensino-fundamental/>>. Acesso em 04 de setembro de 2019.

SOUZA, S. E. **O uso de recursos didáticos no ensino escolar**. In: I ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, IV JORNADA DE PRÁTICA DE ENSINO, XIII SEMANA DE PEDAGOGIA DA UEM: INFANCIA E PRÁTICAS EDUCATIVAS II. Maringá, PR, 2007.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VAGULA, Edilaine. **A Formação Profissional e a Prática Docente**. Gestão Escolar, 2003.

WEISS, L.M.L.L. **Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. 12ª ed. Ver, e ampl. Rio de Janeiro: Lamparina. 2007.